

## Preenchimento de cargos no governo entra nas negociações

Em torno do assunto principal — a votação da emenda que convoca a Constituinte— gravitaram ontem interesses paralelos os mais diversos. Entre a liderança do PFL na Câmara e o Palácio do Planalto, por exemplo, estabeleceu-se uma ponte onde trafegou até mesmo o presidente da República. Em jogo: empregos e apoio da bancada à emenda Sarney.

O deputado Mário Assad (MG), 60, vice-líder do PFL, foi o destinatário do telefonema presidencial, que pedia à bancada mineira que votassem a emenda "de acordo com as conveniências do governo" —segundo relato do próprio deputado a um grupo de frentistas que se reunia na biblioteca da Câmara para decidir o que fazer. Indagado a respeito, Assad garantiu que Sarney apenas quis saber sobre o andamento da sessão que analisava a emenda da Constituinte. Na verdade, porém, deputados que participaram da reunião, quase todos mineiros, ouviram Assad dizer que a contrapartida do apoio dos insatisfeitos à emenda seria uma ordem direta de Sarney aos ministros que não nomearam ainda os indicados pelo PFL.

Nem todos os deputados do PFL estavam na reunião em busca de cargos. Humberto Souto (MG), 51, Saulo Queiroz (MS), 46, e José Machado (MG), 53, queriam juntar-se aos pequenos partidos e votar pela Constituinte independente. Seu objetivo: impedir que o PMDB capitalizasse a aprovação da Constituinte. Acabaram voltando atrás, ao descobrirem que nem na própria bancada encontrariam apoio e que poderiam atrapalhar a campanha dos candidatos do PFL às prefeituras, ao se recusarem a votar a Constituinte. Um desabafo de Saulo Queiroz resume a posição de seus companheiros: "Entrei numa briga de mineiro e não vou ficar sozinho na boca do leão". Humberto Souto admitiu que o cerne da briga era mesmo o preenchimento de cargos.

O PTB, que, na parte da manhã pedia também a Constituinte independente, voltou atrás, à tarde, o que lhe custou a acusação de ter sido beneficiado com quatro cargos no governo. "É um absurdo", reagiu o seu líder, deputado Gastone Righi (SP), 49, dizendo que votou contra todas as propostas do governo. (Letícia Borges)

## Nas galerias, a movimentação é dos 200 militares cassados

Da Sucursal de Brasília

Nada fazia lembrar o clima de animação popular das importantes votações em plenário. Desta vez, não foram organizadas caravanas. As galerias da Câmara dos Deputados exibiam metade de seus 1.100 lugares vagos. Havia poucas palmas, vaias e faixas. A movimentação popular ficou por conta dos duzentos militares cassados que se movimentavam pelos tapetes do Congresso, ostentando uma greve de fome e a exigência de reintegração às Forças Armadas e o pagamento dos salários a partir de sua punição.

Com a galeria ocupada por eles, as vaias e aplausos esqueceram o tema principal —a Assembléia Nacional Constituinte— para se concentrarem na anistia aos punidos com a cassação. A emenda do governo, por sua vez, produziu alianças surpreendentes, como a do ex-líder do PDS, Nelson Marchezan, com o deputado José Eudes (PSB-RJ): ambos defenderam a proposta de Constituinte exclusiva.

O sistema de votação eletrônica da Câmara, de novo, não funcionou, o que é sempre sinal de confusão à

vista. O presidente da sessão, senador José Fragelli (PMDB-MS), fez de tudo para colocá-lo em funcionamento. Por fim, o senador decidiu: "A máquina não funciona mesmo. Vamos à votação nominal". Como antes da votação da emenda do governo foram requeridos 43 destaques (para votação de trechos em separado), o plenário transformou-se num pequeno tumulto.

No meio da confusão, com os ânimos exaltados, o deputado Sebastião Nery (PS-RJ) acusou a OAB e a CNBB de "fascistas", por defenderem a Constituinte exclusiva em nome da sociedade civil. "Vamos acabar com essa história de que toga e batina podem representar a Nação", disse ele. O deputado Flávio Bierrenbach (PMDB-SP), destituído como relator da emenda, respondeu às acusações que sofreu: "Desafio alguém a encontrar no meu parecer uma só palavra contrária ao programa do PMDB".

O presidente José Fragelli, às 18h30, dava sinais de cansaço, bocejando muito. A fome foi tomando conta dos parlamentares, o que fez acabar o estoque das cantinas do Congresso.